

MERCADO TENSO: Compra e venda de moeda equilibra cotações

AS VULNERABILIDADES DA ECONOMIA BRASILEIRA

O GLOBO



ESTADOS UNIDOS

A maior economia do mundo dá sinais de que haverá aumento dos juros para evitar elevação da inflação. O índice de abril (0,7%) foi o maior em nove anos. Por isso, o Federal Reserve (o banco central americano) indicou tendência de aumento dos juros. Se isso se confirmar, pode haver queda forte no Índice Dow Jones e uma migração dos fluxos de capitais para os EUA. Isso prejudica o Brasil que, enquanto não recupera suas exportações, continua precisando do dinheiro externo para cobrir seu balanço de pagamentos.

ARGENTINA

O país vizinho enfrenta problemas com seu sistema cambial, que prevê paridade do peso com o dólar. As exportações não páram de cair, em consequência da desvalorização do real e do preço das 'commodities' no mercado internacional. Há um forte desaquecimento econômico: no primeiro quadrimestre, a produção industrial caiu quase 10%. Os sobressaltos na Argentina afetam o Brasil, não apenas pelas relações comerciais entre os dois países, mas também por indicarem uma nova onda de crise em economias emergentes. Isso pode reduzir o fluxo de capitais necessários para o país equilibrar suas contas externas.



BRASIL

A instabilidade política, em consequência da CPI do sistema financeiro e das denúncias de envolvimento do presidente Fernando Henrique Cardoso na formação dos consórcios participantes do leilão da Telebrás, pode prejudicar o andamento das reformas e a condução do ajuste fiscal. Isso é ruim porque faz aumentar as desconfianças em relação ao país.

Alta do dólar é a maior desde o período pós-desvalorização

Preocupação agora é como será a atuação do BC no câmbio

Flávia Oliveira

Desde o flagrante exagero das semanas seguintes à desvalorização do real, em janeiro, o sistema de câmbio flutuante não enfrentava um teste como o dos últimos dias. A perspectiva de aumento dos juros nos Estados Unidos, a crise argentina e, agora, os problemas políticos internos mergulharam a economia brasileira numa nova onda de instabilidade. A moeda americana — que desde abril vinha oscilando entre R\$ 1,64 e R\$ 1,71 — ontem chegou a R\$ 1,76. A forte oscilação traz à tona a preocupação sobre como o país vai administrar sua taxa de câmbio, de forma a não parecer intervencionista e, ao mesmo tempo, manter a recuperação da atividade econômica que se desenhava.

Os economistas afirmam que,

até aqui, o Banco Central vem agindo corretamente. Sempre que há ameaça de oscilação intensa, o BC vende pequenos lotes de dólares, impondo uma espécie de limite informal. Ontem, por exemplo, houve venda a R\$ 1,76.

— O problema da desvalorização não é a tendência, mas o exagero que pode levar à perda do controle — alerta Rogério Studart, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Nessa linha, o BC está correto em impor a política de flutuação suja, que controla a volatilidade, mas não impede a alta nos preços do dólar. O economista Paulo Nogueira Batista Júnior, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), acrescenta que a flutuação era absolutamente previsível. Segundo ele, sempre esteve claro que a melhora do cenário econômico

em abril e maio não era definitiva.

— O país está apenas começando suas correções. Sabíamos que estaríamos sujeitos a novos choques externos, como o que ocorre na Argentina e nos Estados Unidos — diz o professor.

Batista Júnior, contudo, diz que o momento é de preocupação, mas não de pânico. Isso porque o país já se libertou da amarra do câmbio fixo. De qualquer forma, o economista defende a adoção de medidas de controle seletivo do fluxo de capitais, que pode ajudar a diminuir as oscilações na taxa de câmbio.

— Acho que antes de pensar em implementar a política de meta inflacionária, o país deveria se preocupar com controle da conta de capitais. Esse sistema está cheio de brechas — afirma. ■

A OPINIÃO DOS ECONOMISTAS



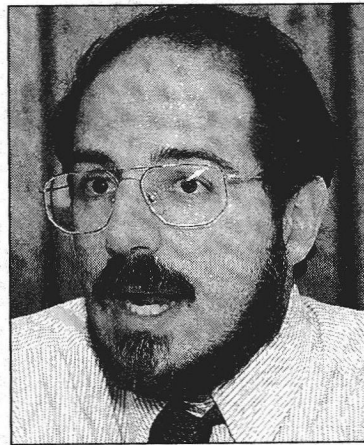
PAULO NOGUEIRA BATISTA JÚNIOR

• O Professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) diz que o país deveria saber que melhora no cenário não seria definitiva. Segundo ele, o Brasil continua sujeito a choques, mas o momento é de preocupação, não de pânico.



GUSTAVO LOYOLA

• Para o ex-presidente do Banco Central, as oscilações fazem parte da política de câmbio flutuante. O ajuste, lembra, já não é feito via perda de reservas ou aumento dos juros. Cabe ao BC agir para evitar a volatilidade.



FÁBIO GIAMBIAGI

• O economista do BNDES diz que a instabilidade pode frear a queda nos juros. Segundo ele, há um nervosismo generalizado em relação às economias emergentes, mas o país está em situação melhor que no ano passado.